

# Psicopedagogia e Fonoaudiologia: Uma Parceria

\* Paula Rijo Furtado Stefanini

**P**or se tratar de uma área relativamente nova e, portanto, com suas atribuições e importância ainda pouco conhecidas, a psicopedagogia levanta algumas polêmicas junto a outros campos profissionais com atuação afim. É o caso da fonoaudiologia, da psicologia e de outras terapias, incluindo-se até mesmo as simples aulas particulares. São freqüentes as questões quanto às delimitações de cada uma dessas atividades. Mas uma coisa é certa: cada qual contribui com sua especialidade, abrindo novas possibilidades para solucionar as dificuldades do paciente. E é dessa forma que a psicopedagogia surgiu para somar, complementar ou ser complementada conforme o leque de necessidades diagnosticadas. Sua ação desencadeará um processo de autodescoberta na criança ou adolescente com dificuldade de aprendizagem, tornando-a mais consciente de seu potencial e de suas deficiências.

É por isso que o psicopedagogo não pode ser visto como um professor particular de luxo, já que ele trata o aluno como um ser inteiro, e não apenas pela ótica de seu mau desempenho em determinada disciplina. Enquanto as aulas particulares simplesmente visam a reforçar o conteúdo dado pelo professor na escola, de efeito imediato, com o simples objetivo de garantir notas suficientes para o aluno passar de ano, a psicopedagogia diagnostica as causas do fracasso

escolar e busca soluções por meio de caminhos motivadores, alegres e marcantes para o aluno. Isso o fará sentir-se mais seguro e independente, superando seus medos e dificuldades.

A atenção do psicopedagogo estará voltada para as causas que levam às deficiências. Entre os problemas apresentados pelos alunos, destaca-se a dificuldade de se organizar para os estudos, inaptidão para a leitura e escrita, apatia, falta de concentração, dificuldades de raciocínio e ritmo. A razão para esses problemas são diversos, desde problemas físicos (fonoaudiológicos, por exemplo) até emocionais (incompatibilidades com a família, com o professor ou com os amigos).

Trazer à tona esses distúrbios e tratá-los convenientemente é o papel do psicopedagogo. Por isso sua atuação é profunda e pode levar vários anos. Estudando a estrutura do pensamento do aluno, identificará as falhas e trabalhará até conseguir solucioná-las. Isso é especialmente comum a partir da quinta série, quando as exigências aumentam e há um professor para cada disciplina, dificultando o relacionamento afetivo entre ele e os alunos. Caso a criança não tenha conseguido se adaptar ao novo ritmo, a sua auto-estima ficará abalada, bem como seu relacionamento com a família e amigos.

Dessa forma, o trabalho do psicopedagogo não se limita a sessões periódicas em consultórios, po-

dendo estender-se à casa e escola, para reuniões com pais, orientadores e professores — afinal, conhecer o universo do aluno é fundamental para compreender seu comportamento e reações. Muitas vezes, a origem do problema pode estar na superproteção materna, e uma simples orientação é suficiente para estimular a autonomia da criança. Da mesma forma, a escola ou a metodologia de ensino influencia no histórico do paciente. A falta de envolvimento e a grande rotatividade de professores desestimulam a criança.

Aliás, a participação de membros da família ou professores durante o tratamento psicopedagógico é fundamental para o seu sucesso.

Extraír dos pais informações sobre sua infância recente, bem como conhecer suas perdas de entes queridos, suas deficiências físicas ou a própria separação dos pais são ferramentas básicas para se chegar às causas das deficiências atuais.

Para solucionar as distorções de aprendizagem são usadas técnicas terapêuticas conforme o próprio processo da criança for solicitando, como o uso de materiais lúdicos (quebra-cabeças, jogos em geral, materiais de artes, pintura, modelagem em argila, sucatas). Isso se o problema for de psicomotricidade. Já na área de estudos sociais, trabalha-se casualidade, temporalidade, espacialidade e historicidade, sempre recorrendo-se ao conteúdo escolar e ao próprio conteúdo individual do aluno.

Em matemática são usados materiais para estímulo de raciocínio lógico, como blocos lógicos e semi-simbólicos. Na área de linguagem, será fomentado com trabalhos de textos, tanto de livros de histórias, jornais e revistas, como com jogos ortográficos. Por fim, para auxiliar no comportamento escolar da criança, são usados recursos de expressão corporal e sensibilização, como mímica, dramatização e relaxamento. Todo esse trabalho interativo poderá ocorrer em pequenos grupos de crianças, cuja troca de experiência pode auxiliar no processo de crescimento.

### As conquistas

Como resultado concreto das práticas adotadas, o aluno terá o seu método de estudo reorganizado, com medidas simples, como desligar a televisão ou aparelho de som, e outras mais complexas que são originadas de meses e meses de acompanhamento e esforço contínuo na aplicação das técnicas de correção. Ele terá o raciocínio lógico aperfeiçoado, ganhará ritmo de trabalho, produzirá e interpretará textos com mais facilidade. Além disso, conquistará análise crítica, resumo e criatividade. Isso sem falar que passará a enxergar a interdisciplinaridade das matérias.

Fica mais fácil compreender o propósito da psicopedagogia conhecendo o caso de Bruno, hoje com onze anos. Com dois anos de idade, sua surdez foi diagnosticada. Os especialistas descobriram que Bruno ouvia apenas os sons agudos. Mesmo a escola não acreditando na sua alfabetização, com cinco anos foi encaminhado para uma fonoaudióloga. Depois de passar por um tratamento para modulação das frequências, conseguiu não só ser alfabetizado como completar as primeiras séries do primeiro grau.

Mas como não poderia deixar de ser, ao chegar à quinta série chegaram também os problemas. As novas exigências, os professores des-

conhecidos, a infinidade de matérias e tarefas, tudo contribuía para aumentar a insegurança de Bruno, já muito prejudicado por seu problema auditivo. Como ele prestava atenção às aulas por leitura labial, o simples ato de se abaixar para pegar uma borracha no chão quebrava a sequência da explicação da agora curta aula de cinquenta minutos. Em consequência, o seu desempenho escolar declinou bruscamente.

Foi aí que se criou a necessidade de Bruno ser encaminhado para uma psicopedagoga, por recomendação da própria fonoaudióloga.

Depois de várias sessões, a psicopedagoga percebeu que Bruno possuía deficiências nos pré-requisitos das primeiras séries do primeiro grau. Mesmo sabendo ler e interpretar e possuindo uma inteligência emocional acima da média, ele apresentava problemas de conservação, inclusão, classificação e seriação, surgidos pela falta de acompanhamento além do terapêutico fonoaudiólogo, ou seja, ele precisava, durante as primeiras séries, também de uma psicopedagoga. Tanto é que depois de alguns meses os problemas de aprendizado foram minimizados com os recursos lúdicos da nova terapia.

Um caso inverso é o de Fernanda, de sete anos, que chegou ao consultório psicopedagógico com um problema bastante comum em crianças dessa idade: as trocas ortográficas. Como as trocas ocorriam tanto na escrita como na fala, a psicopedagoga, depois de trabalhar durante dois meses com ela, encaminhou-a a uma fonoaudióloga.

Esses dois exemplos mostram de modo claro como os trabalhos podem se complementar. E, mais do que isso, como torna-se imprescindível conhecer os recursos e possibilidades de cada área. Dessa forma, estaremos conhecendo não só nossos limites, como a infinidade de soluções que outros profissionais poderão agregar às nossas próprias terapias.